

## Introdução

*Esta é a situação. No cume do monte do Purgatório, Dante perde a Virgílio. Guiado por Beatriz, cuja formosura cresce em cada novo céu que tocam, recorre esfera por esfera concêntrica, até sair àquela que circunda as outras, que é a do primeiro móvel. A seus pés estão as estrelas fixas; sobre elas, o empíreo, que já não é céu corporal e sim eterno, feito somente de luz. Elevam-se ao empíreo; nessa infinita região o remoto não é menos nítido que o que está muito próximo. Dante vê um alto rio de luz, vê bandos de anjos, vê a múltipla rosa paradisíaca que formam, ordenadas em anfiteatro, as almas dos justos. De repente, adverte que Beatriz o deixou. A vê no alto, em um dos círculos da Rosa. Como um homem que no fundo do mar eleva os olhos na região do trovão, assim a venera e a implora. Rende-lhe agradecimento por sua benfeitora piedade e lhe encomenda sua alma.<sup>1</sup>*

Nesta passagem Jorge Luis Borges descreve aquele que lhe parece um dos momentos mais belos da *Divina Comédia*. Refere-se ao instante em que Beatriz abandona o poeta florentino para juntar-se às almas que formam a rosa paradisíaca. A dama, após um sorriso, retorna à fonte eterna de onde tinha se afastado apenas para conduzir o poeta ao cume do Paraíso. Segundo Borges, a intensidade oferecida aos versos em que Dante descreve a cena nos levaria a pensar que o poema como um todo se justifica em função destes versos. Nas palavras do autor: “*Suspeito que Dante edificou o melhor livro que a literatura já alcançou para intercalar alguns encontros com a*

---

<sup>1</sup> BORGES, Jorge Luis. *Nueve ensayos dantescos*. Madri, Espasa Calpe, 1983, pp 155/156. Tradução livre do espanhol: “He aquí la situación. Em la cumbre del monte del Purgatorio, Dante pierde a Virgilio. Guiado por Beatriz, cuya hermosura crece em cada nuevo cielo que tocan, recorre esfera tras esfera concêntrica, hasta salir a la que circunda a las otras, que es la del primer móvil. A sus pies están las estrellas fijas; sobre ellas, el empíreo, que ya no es cielo corporal sino eterno, hecho sólo de luz. Ascendim al empíreo; en esa infinita región (como en los lienzos prerrafaelistas) lo remoto no es menos nítido que lo que está muy cerca. Dante ve un alto río de luz, ve bandadas de ángeles, ve la múltiple rosa paradisíaca que forman, ordenadas en anfiteatro, las almas de los justos. De pronto, advierte que Beatriz lo ha dejado. La ve en lo alto, en uno de los círculos de la Rosa. Como un hombre que en el fondo del mar alzara los ojos a la región del trueno, así la venera y la implora. Le rinde gracias por su bienhechora piedad y le encomienda su alma.”

*irrecuperável Beatriz.*”<sup>2</sup> Borges vai ainda mais longe e declara: “... os círculos do castigo e o Purgatório e os nove círculos concêntricos e Francesca e a sereia e Bertrand de Born são intercalações; um sorriso e uma voz, que ele sabe perdidos, são o fundamental.”<sup>3</sup>

Segundo a interpretação poética sugerida pelo escritor argentino no ensaio publicado no livro *Nueve ensayos dantescos*, o poema teria sido escrito na intenção de edificar um maravilhoso reino dos beatos para Beatriz, rendendo as homenagens que Dante prometera à dama nos últimos versos da *Vida Nova*<sup>4</sup>.

Entretanto, não podemos afirmar ao certo quais às intenções do poeta ao redigir a obra, mas temos certezas quanto ao que ele escreveu. Sabemos que o peregrino se despede de Beatriz como já havia feito com Virgílio no canto XXX do Purgatório.

Seria possível interpretar o episódio considerando que o autor-personagem não carecia mais de guia depois de atravessar os círculos infernais, de subir o monte do Purgatório e cruzar os nove céus que compõem o reino celeste até a rosa dos beatos. Nesse instante, Dante encontrava-se diante da eterna fonte de luz e, a partir desse momento, não há mais a necessidade de Beatriz. Ele chegara até a unidade, onde não existe a diversidade das almas, onde tudo é luz, onde tudo é Deus.

Assim, observamos que, alcançado o fim Supremo para o qual o poeta teria empreendido a viagem pelos três mundos que compõem o Além, os instrumentos para conquistar este fim já não são necessários. Virgílio e Beatriz, os guias de Dante em sua jornada até a divindade, se despedem do peregrino quando foi cumprida sua missão.

Devemos admitir que para o poeta florentino o fim supremo da humanidade consistiria em chegar a Deus mesmo que, infelizmente, alguns se percam neste caminho. Para conduzir o homem a este fim, ou seja, até o Paraíso, ele estabeleceu dois guias, cada um responsável por uma parte do trajeto. Dante escolheu o autor da *Eneida* como mestre para conduzi-lo desde o Limbo — onde se encontrava perdido nos primeiros versos da *Comédia*— através dos nove círculos do Inferno, até o topo da montanha onde purgam os pecados aqueles que um dia entrarão no reino celeste. Ali, o poeta se afasta

---

<sup>2</sup> BORGES, Jorge Luis. *Idem*, pp158.

<sup>3</sup> BORGES, Jorge Luis. *Ibid*, pp158.

<sup>4</sup> “...espero dizer dela o que nunca se disse de nenhuma.” DANTE ALIGHIERI. *Vida Nova*. São Paulo, Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1973, pp 190.

de seu companheiro de viagem para encontrar a formosa Beatriz, que surge ao final do Purgatório para guiá-lo ao longo do terceiro reino do Além até a rosa dos beatos. Mas por que dois mestres e não apenas um? Por que Dante não entra na esfera celeste acompanhado de Virgílio, já que juntos haviam feito todo o percurso até ali? Ou então, porque não foi a bela dama quem assumiu o papel de único guia, já que ela mesma havia ido até o Limbo pedir a ajuda de Virgílio para salvar Dante da “selva escura”, na qual andava perdido nos versos que abrem o poema?

Primeiramente, podemos considerar que, segundo Dante, não ficaria nada bem entrar no Paraíso acompanhado de seu mestre pagão, que jamais fora batizado, posto que não se conhecia a doutrina cristã na época em que viveu. Por outro lado, tampouco seria de bom tom passear com Beatriz pelos castigos infernais e sofrimentos das almas que purgam seus pecados no outro mundo. Por último, poderíamos sugerir que um único guia não seria suficiente e que houve mesmo a necessidade dos dois para conduzir o homem até sua salvação. Deste modo, Virgílio, o filósofo, a razão, seria um instrumento para alcançar a divindade, mas não o único. Se a especulação racional foi para o poeta um meio de compreender as verdades sagradas que conduzem ao Criador, ele não dispensou a fé e o amor nesse caminho. Em virtude disso, Beatriz, a sublime personificação do amor, foi o guia escolhido por Dante para acompanhá-lo pelo último dos três mundos que compõem a *Divina Comédia*. Seriam necessários, portanto, dois guias para conduzir o homem à salvação eterna.

A reflexão de Dante contempla um ideal do gênero humano que necessita de um duplo poder de direção que emana de Deus e a Ele conduz. Assim como Virgílio e Beatriz foram escolhidos pelo poeta como seus guias no Além, ele também concebe dois poderes que conduziriam o homem enquanto ainda habita o plano terreno. Nesta pesquisa, procurarei estudar como Dante estabelece a distinção entre os dois guias que devem conduzir a humanidade ao fim que lhes foi designado. Este é o tema central que pretendo desenvolver ao longo do trabalho.

Tal discussão foi feita por Dante em seu tratado intitulado *Monarquia*, escrito no início do século XIV, que marcou a passagem do autor pela filosofia política. Na obra, o poeta define dois poderes que guiariam a espécie humana: a Igreja, responsável pela salvação da alma, e o Império, responsável pelo fim do corpo.

Ao longo do estudo pretendo analisar o tratado buscando compreender como o autor define a necessidade de uma autoridade dupla no mundo. Para isso, deve-se entender a distinção que ele fez entre um fim para a natureza corruptível do homem, o qual se encerraria nesta vida, e outro para sua natureza incorruptível, que somente no céu se completa.

Como Virgílio, que acompanha Dante pelo Inferno e Purgatório, o Imperador seria uma espécie de guia do gênero humano até seu fim terreno. O mestre romano não conduz o viajante até a divindade, mas ele o leva pelos dois reinos inferiores que compõem a geografia do Além, isto é, por uma parte do caminho que deve ser percorrida antes de alcançar a esfera celestial. Da mesma forma, o Império, através dos ensinamentos das virtudes morais e da filosofia, seria a autoridade capaz de governar os homens no mundo, criando as condições para que eles possam usufruir de paz e justiça e assim alcançar o fim terreno se dedicando livremente a contemplação que conduz a Deus.

Por sua vez, Beatriz, símbolo da fé e do amor que levam a alma à salvação, aparece ao poeta às margens do rio Letes para iluminar o caminho até a rosa dos justos, assim como a Igreja indica ao cristão o caminho do bem até o fim espiritual. Através da contemplação e do amor a Deus, o homem se eleva às alturas sublimes, recebendo da Igreja os ensinamentos sagrados que apenas ela detém. Com efeito, para Dante, cada poder guiaria o homem em uma parte do percurso e, desta forma, não haveria conflito entre ambos. Não é o caso de pensar que os poderes atuassem em tempos distintos na passagem do homem por esta vida, mas apenas que se referem a aspectos diferenciados da existência humana.

O tema será trabalhado em quatro capítulos ao longo da dissertação. No primeiro, apresentamos o poeta florentino, estudando um pouco da sua vida, sua formação, a passagem pela vida pública, e o conturbado fim no exílio, buscando compreender a relação destes acontecimentos com sua obra, fundamentalmente com a *Monarquia*. Buscarei entender como Dante define o papel do “intelectual” e, conseqüentemente, como compreende sua função, ao mesmo tempo, de homem do conhecimento e da vida pública, que para ele não estariam em oposição, mas, ao contrário, apareceriam

associados em sua experiência pessoal. A ação política e a especulação intelectual estariam em harmonia na figura do poeta.

No segundo capítulo, pretendo compreender quem foi o interlocutor da *Monarquia*, ou melhor, qual foi a posição a que Dante procurou se contrapor e desde qual perspectiva ele enuncia seu discurso. Ao escrever o tratado com o intuito de fazer uma defesa do Império, o autor opõe-se a um modelo de Igreja estabelecida nos últimos séculos da era medieval, após um lento processo no qual ela acabou por assumir feições de um verdadeiro Estado imperial. Esclarecer este processo significa estudar os argumentos e doutrinas que forneceram base teórica ao papado como se encontrava organizado durante o período em que o poeta viveu. Por outro lado, buscarei compreender as teorias em favor do Imperador germânico, formuladas, essencialmente, desde a perspectiva do modelo romano que pretendeu se impor, ao mesmo tempo, como o único centro organizador e como o instrumento de salvação de todo o mundo a ele ligado.

Para compreender o posicionamento de Dante em relação às teorias imperiais procurarei analisar, no terceiro capítulo desta pesquisa, a influência do movimento de tradução de Aristóteles e a incorporação de sua filosofia ao pensamento cristão. Tentarei, ainda, entender como este pensamento foi fundamental na concepção de mundo do autor e em sua formulação do modelo imperial. A partir da filosofia aristotélica e do pensamento de Santo Tomás de Aquino a percepção do papel do homem em seu caminho até a divindade teria sofrido transformações e, neste sentido, sua própria atuação no mundo passaria a ter uma nova significação. Ou seja, se o cristão, através de sua especulação racional, conseguia se aproximar da natureza divina, e, portanto, participar do conhecimento das verdades sagradas, ele entende que poderia, também, pensar e agir sobre as coisas terrenas. Ainda, a filosofia tomista promoveu uma cisão entre o que seria a ordem natural e a ordem da graça abrindo o horizonte para que Dante, posteriormente, fundamentasse sua defesa imperial numa distinção do guia temporal em relação ao guia espiritual.

Finalmente, no último capítulo, farei uma análise do tratado buscando entender como o autor estabelece os argumentos em favor do Império e, especificamente, como prossegue nesta distinção entre uma função do governante secular e outra da autoridade

espiritual. Pretendo compreender o tratado considerando que Dante parte da percepção de duas dimensões distintas no interior de cada homem.

Resumindo, o trabalho consiste em uma análise da *Monarquia*, sem deixar de lado a reflexão do autor no conjunto de sua obra. Os argumentos de Dante compreendem-se numa perspectiva do cosmos organizado na forma como sugere em seu poema sacro, no qual o Criador divino, representando a unidade perfeita das coisas, encontra-se acima, no centro e no fim do universo assim como da própria trajetória humana. Dentro desta concepção de mundo, o poeta observa duas dimensões que poderíamos simbolizar na figura de Virgílio e Beatriz, na razão e no amor, no terreno e no sublime ou no Império e na Igreja. Em um pensamento assentado na experiência de unidade entre o transcendental e o imanente (sentidos humanos), o dualismo sobre o qual Dante constrói a argumentação no tratado desperta um interesse especial e uma vontade de conhecer melhor o texto.

## 1

### Dante - símbolo da ação e especulação

Considero necessário para realizar um trabalho de pesquisa em história das idéias conhecer, mesmo que de forma sucinta, a biografia do autor, ou autores, cuja produção intelectual é objeto de estudo. No caso de uma investigação sobre o pensamento de Dante Alighieri, o interesse na trajetória pessoal do autor é bastante relevante. O tratado sobre a *Monarquia*, assim como o conjunto de sua obra, relaciona-se de forma intensa com a vida e a participação na conturbada conjuntura política florentina da época. É mesmo possível sugerir que os escritos de Dante representem, de alguma maneira, sua própria participação na esfera política.

Neste capítulo procurarei estudar a vida desse homem de estatura mediana, rosto comprido, olhos um tanto grandes, mandíbulas alongadas, lábio inferior encimado no lábio superior, tez morena e cabelos e barba abundantes, negros e crespos<sup>1</sup>...

*“... ocorreu um dia em Verona, quando já por toda parte era divulgada a fama de suas obras, sobretudo a parte de sua *Commédia* que se intitula *Inferno*, que era conhecido de muitos homens e mulheres, que passando diante de uma porta em que estavam sentadas várias mulheres, uma delas em voz bem baixa, mas não tanto que não fosse bem ouvida por ele e por quem ia com ele, disse às outras damas:*

*— Vejam aí o que vai ao inferno e retorna quando lhe satisfaz, trazendo aqui para cima as notícias dos que estão lá embaixo?*

*A ela lhe respondeu com simplicidade uma das outras:*

*— Certamente debes dizer a verdade: não vês como tem a barba crespa e de cor morena pelo calor e fumaça que exista lá.*

*Ao ouvir dizer atrás de si tais palavras e sabendo que vinham da pura credulidade daquelas mulheres, agradando-o e quase contente de que tivessem essa opinião, algo sorridente, continuou.”<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Informações retiradas de: BOCCACCIO, Giovanni. *Vida de Dante*. Madri, Alianza Editorial, 1993, pp78. A iconografia mostra que levava seus cabelos e barba sempre bem curtos.

<sup>2</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Idem, pp78. Tradução livre a partir do espanhol. Original: “... lè ocurrió un día en Verona, cuando ya por todas partes era divulgada la fama de sus obras, sobre todo la parte de su *Commedia* que titula *Inferno*, que era conocido para muchos hombres y mujeres, que al pasar ante una puerta en la que estaban sentadas varias mujeres, una de ellas en voz muy baja, pero no tanto que no fuera bien oída por él y por quien iba con él, le dijo a las otras damas: - Veis ahí al que va al infierno y regresa

A anedota foi contada por Giovanni Boccaccio no *Trattatello in laude di Dante*<sup>3</sup> que ele escreveu sobre a vida desse grande homem. A biografia feita pelo autor do *Decameron* — profundo admirador do poeta florentino, a quem não chegou a conhecer pessoalmente, mas sim através de um delicado estudo de sua obra — foi escrita, provavelmente, na segunda metade do século XIV.

No início do *trecento* já se utilizavam as técnicas de *accessus ad auctores* para que se escrevesse sobre a vida de personalidades consideradas importantes — as *auctoritas* — como fez Petrarca para falar de Cícero. Boccaccio, porém, foi o primeiro a tratar um poeta contemporâneo com a técnica que se aplicava aos clássicos. Dante Alighieri ingressou, desta forma, no rol das *auctoritates*.

O *trattatello* passou a ter importância como apresentação da obra de Dante Alighieri. Nos códices mais antigos assinados por Boccaccio, nos quais ele copiou alguns textos de seu mestre, esta biografia vem colocada logo no início. É o caso do códice 104.6 da Biblioteca Capitular de Toledo<sup>4</sup>, que se costuma datar entre 1357 e 1359, no qual o autor do *Decameron* insere a primeira versão do *trattatello*. É também o caso do códice do *Chigiano L v 176*<sup>5</sup>, copiado por volta de 1365, que contém a terceira versão do mesmo tratado, além de uma cópia do *Canzoniere* de Petrarca. Parece que Boccaccio considerava seu *Trattatello in laude di Dante* um passo essencial para compreender adequadamente o pensamento do autor cujas obras seriam lidas a seguir.

A estreita vinculação entre a vida e a obra do homem público foi, para o historiador Eugenio Garin, uma marca inconfundível do Renascimento. Garin, em seu livro *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*<sup>6</sup>, mostrou como os tratados de um chanceler florentino não se diferenciavam muito de seus escritos intelectuais e pessoais. Eles mantiveram estreita conexão entre a vida experimentada e a vida política. “Os

---

cuando le place, trayendo aquí arriba las noticias de los que están allá abajo? A ella le respondió con simpleza una de las otras: - Ciertamente, debes decir verdad: No ves cómo tien la barba crespa y el color moreno por el calor y el humo que hay allí? Al oír decir tras de sí estas palabras y sabiendo que venían de la pura credulidad de aquellas mujeres, agradándole, y casi contento de que fuera de esa opinión, algo sonriente, continuó.”

<sup>3</sup> BOCCACCIO, Giovanni. *Ibid.*

<sup>4</sup> ALVAR, Carlos. *Introdução*. In: *Vida de Dante*. Op Cit, pp 17.

<sup>5</sup> ALVAR, Carlos, *Idem.*

<sup>6</sup> GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista- Unesp, 1996.

*tratados se fundamentam nas experiências e estas articulam-se nas linhas de uma contínua reflexão.*”<sup>7</sup> Segundo o autor, o humanismo não baixou das cátedras universitárias ou dos retóricos da corte. O movimento, que teria sido inaugurado por Petrarca, teve sua cátedra mais importante no palácio de Florença e seus mestres foram os clanceleres da República.

Para Garin o caso de Coluccio Salutati é significativo. Sua experiência como chanceler e seus estudos estavam sempre em jogo e se entrelaçavam em suas cartas e tratados.

*“Salutati e o sentido secreto daquele grande movimento cultural que está na origem da nossa civilização não estão registrados em livros separados dos documentos de uma atividade prática absorvente; estão continuamente ligados, e nisto constitui a sua marca inconfundível.”*<sup>8</sup>

Para o historiador, o fato de um chanceler de uma república importante como Florença ser um conhecedor de Petrarca e pesquisador de textos antigos fornece aspecto original ao modo de vida política da Itália.

Mesmo tendo vivido numa época ligeiramente anterior à deste humanista, ou seja, na passagem do século XIII para o XIV, a produção intelectual de Dante também constituiu parte integrante de sua experiência política. A forma apaixonada com que defendeu a Monarquia Universal, o ódio que deixa transbordar em inúmeras passagens da *Divina Comédia* ou a admiração com que retrata alguns de seus personagens mostra, claramente, que Dante se referia a pessoas e acontecimentos muito próximos de sua vida.

Em *A Cultura do Renascimento na Itália*<sup>9</sup>, Burckhardt escreveu:

*“Dante, que mesmo durante a vida era chamado por alguns de poeta, por outros de filósofo e por outros ainda de teólogo [Boccaccio], coloca em todos os seus escritos um fluxo de força pessoal pela qual o*

<sup>7</sup> GARIN, Eugenio. Idem p. 26.

<sup>8</sup> GARIN, Eugenio. Ibid p. 26.

<sup>9</sup> BURCKHARDT, Jacob Christoph. *A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991.

*leitor, independentemente do seu interesse pelo tema, se sente transportado.*<sup>10</sup>

Mais de sete séculos depois de terem sido escritas, as palavras de Dante ainda guardam, para nós, o frescor e a vitalidade de outros tempos. Ao lermos uma de suas obras sentimos estar diante de um texto vivo. Se é possível compreender tal fenômeno em virtude do talento magistral do poeta, isto se explicaria, também, em virtude da intensa relação que ele estabeleceu entre vida e produção intelectual.

Para traçar uma breve biografia do poeta tomarei como referência, primeiramente, o *trattatello* escrito por Giovanni Boccaccio, que foi um dos primeiros a se lançar no projeto, não só de uma biografia de Dante, mas no próprio gênero biográfico durante o Renascimento. Utilizarei ainda o livro *Vita di Dante*, de Michele Barbi<sup>11</sup>, o mais importante e renomado estudioso do poeta no início do século. O texto, concebido inicialmente como um verbete da Enciclopédia Italiana sob a direção de Giovanni Gentile, foi publicado separadamente pela primeira vez em 1933. Recorrerei, também, a Enrico Malato<sup>12</sup>, contemporâneo estudioso do tema, que publicou a mais recente biografia sobre Dante que temos conhecimento. Lançada na Itália em 1999, a obra constituiu um importante esforço no sentido de atualizar as pesquisas sobre o poeta florentino indicando um quadro de soluções e uma melhor focalização para antigas questões. Além disso, servi-me do trabalho de Cristiano Martins<sup>13</sup>, estudioso e tradutor da *Divina Comédia* para o português. Consultei o estudo de Jacob Burckhardt<sup>14</sup>, historiador do século XIX, que escreveu um livro pioneiro sobre o período Renascentista. Utilizei, ainda, os livros do professor Hilário Franco<sup>15</sup> e o de Giorgio Petrocchi<sup>16</sup>. Finalmente, colhi alguns dados nas próprias obras do poeta; a *Divina Comédia*, a *Vida Nova*, o *Convívio* e suas cartas que se constituem em esclarecedoras e importantes fontes de informação sobre a vida de seu autor.

<sup>10</sup> BURCKHARDT, Jacob. Idem, pp 85.

<sup>11</sup> BARBI, Michele. *Vita di Dante*, Sansoni, Florença, s/d. ( texto preparado para a Enciclopédia Italiana publicado pelo Instituto Treccani sob direção de Giovanni Gentile).

<sup>12</sup> MALATO, Enrico. *Dante*. Salerno Editrice, Roma, 1999.

<sup>13</sup> MARTINS, Cristiano. A vida atribulada de Dante Alighieri. In: *A Divina Comédia*. 2ª ed, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

<sup>14</sup> BURCKHARDT, Jacob, Op Cit.

<sup>15</sup> FRANCO JR, Hilário. *Dante; o poeta do absoluto*. Ateliê Editorial, São Paulo, 2000.

<sup>16</sup> PETROCCHI, Giorgio. *Dante e il suo tempo*. Classe Única, Roma, s/d.

\* \* \*

Por ocasião do nascimento de Dante a violência e a desordem espalhavam-se por toda a península. O *regnum italicum* encontrava-se profundamente dividido entre grupos e facções políticas que lutavam pela hegemonia nas cidades.

Na *Divina Comédia*, o autor irá mencionar a degradante situação em que se encontrava sua terra natal ao longo do século XIII:

*“Ah dividida Itália, imersa em fel,  
nau sem piloto, em meio do tufão,  
dona de reinos, não, mas de bordel.”<sup>17</sup>*

Havia já algum tempo que se trasladara para a península o conflito entre os grupos germânicos representados pelas casas nobiliárquicas Wolf e Wibling. A rivalidades entre as duas posições se transfere para a península sob a tradução italiana dos nomes alemães em guelfo e guibelino, que denominarão os dois principais partidos do reino. Divergiam os partidários quanto ao poder imperial no *Regnum Italicum*. Os guelfos pretendiam uma autonomia das Repúblicas, opondo-se à soberania do Imperador. Para isso contavam, na maioria das vezes, com o apoio do papado empenhado em afirmar sua independência em relação à casa nobiliárquica alemã. Em casos extremos o partido guelfo defendeu a doutrina de que o poder, para o conjunto da península, devia ser reservado ao Sumo Pontífice. Já o partido guibelino defendia a autoridade imperial absoluta em toda a Itália.

Florença crescera e se desenvolvera bastante durante a última metade do século XIII. Já por volta de 1260 era considerada a principal cidade da Toscana, onde o comércio e a produção de tecidos aumentava rapidamente. A velha muralha romana havia sido já substituída por uma nova, em círculo mais amplo, para defesa nas lutas contra príncipes vizinhos. Segundo Burckhardt, em nenhuma cidade da Itália as lutas entre partidos políticos “*foram tão acirradas, de origem tão prematura e tão permanentes*” como em Florença.

É neste cenário que nasce Dante Alighieri, na primavera de 1265, numa modesta casa que o serventário de justiça Alighieri e sua esposa dona Bela possuíam junto à

porta da Igreja de São Pedro. Com as seguintes palavras se refere Boccaccio a este nascimento:

*“Nasceu este singular esplendor itálico em nossa cidade, vacante o romano império pela morte de Frederico, aos 1265 anos da salutífera encarnação do Rei do Universo, sendo Urbano IV papa na cátedra de S. Pedro, e foi recebido na casa paterna com bastante alegre fortuna: alegre, digo, segundo a qualidade do mundo que então corria.”*<sup>17</sup>

Quando do nascimento de Dante seu pai encontrava-se em uma situação bastante difícil. Como servidor do Estado florentino havia-se envolvido nas disputas políticas da cidade e ligado ao partido guelfo. A ligação vinha de família, pois guelfos haviam sido, também, seu pai e seu avô, como geralmente ocorreu com a pequena nobreza cidadina e os artesãos da cidade. Em oposição, a nobreza feudal estava ligada geralmente ao partido guibellino que se valia da ajuda do Imperador para garantir seu status.

Os guelfos foram destituídos do poder em 1260 depois da Batalha de Montaperti. Segundo Cristiano Martins, o pai de Dante talvez tenha sido obrigado a deixar Florença por algum tempo. De qualquer forma, é provável que dona Bela tenha permanecido na cidade, já que a lei florentina não admitia o desterro das senhoras.

Na Batalha de Benevento, Carlos d’Anjou, da linhagem real francesa, venceu Manfredo, filho bastardo do imperador Frederico II, frustrando as pretensões do partido guibellino de ver reinar na península o Sacro Império Romano Germânico. Desestruturados, os guibelinos abriram espaço para que os guelfos exilados de Florença se organizassem, entrando novamente na cidade. Entre estes talvez estivesse o pai de Dante.

Sabe-se muito pouco, adverte Enrico Malato, sobre a infância de Dante Alighieri. Acredita-se que iniciou seus estudos possivelmente na escola de franciscanos no convento de Santa Cruz e que perdeu, muito cedo, seus pais. Segundo Boccaccio, Dante

---

<sup>17</sup> DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia e S. Paulo Ed. da Universidade de S. Paulo, 1979 (Purgatório, canto VI, pp 59, vers. 76-78).

<sup>18</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Op Cit, pp 41. Tradução livre do espanhol: “Nació este singular esplendor itálico en nuestra ciudad, vacante el romano império por la muerte de Federico ya citado, a los 1265 años de la salutífera encarnación de Rey del Universo, siendo Urbano IV papa en la cátedra de San Pedro, y fue recibido en la casa paterna con bastante alegre fortuna: alegre, digo, según la calidad del mundo que entonces corria.”

era diferente das outras crianças que se entregam aos prazeres infantis e ao ocioso repouso no colo de suas mães; ele, ao contrário, desde cedo se interessou pelo estudo das artes liberais e com os anos teria-se tornado um conhecedor de Virgílio, Horácio, Ovídio e Estácio, dentre outros poetas famosos.

Provavelmente foi na mansão dos Portinari, em uma festa para comemorar a primavera de 1274, que Dante viu pela primeira vez a bela Beatriz. Segundo escreveu o próprio poeta na *Vida Nova*, contava a essa época com a idade de apenas nove anos.

*“Nove vezes já, depois do meu nascimento,  
tornara o céu da luz quase a um mesmo ponto, quanto  
à sua própria giração, quando aos meus olhos  
apareceu primeiro a gloriosa senhora da minha  
mente, a qual foi chamada por muitos Beatriz, que não  
sabiam senão assim chamar-lhe.” (Vida Nova, pp153)*

Tal informação não está, contudo, isenta de suspeita em virtude de ser, talvez, apenas uma idealização literária do autor, adverte Michele Barbi. O historiador acredita, também, que o nome Beatriz pode ter sido colocado por Dante apenas com o propósito poético de indicar que ela inspiraria beatitude a quem a visse. Seja como for, ele a exaltou como um milagre de gentileza e virtude, como uma criatura enviada por Deus. Foi nela que o poeta encontrou inspiração para cantar a beleza nos mais lindos versos que lhe fossem possíveis. Beatriz foi “... como uma luz transcendente a guiar-lhe os passos na escuridão.”<sup>19</sup>

Findos seus estudos no convento de Santa Cruz, possivelmente regressou para casa e começou a frequentar a escola de Bruneto Latino, onde estudavam escritores e filósofos de destaque naquele tempo. Por esse período iniciou a elaboração da *Vida Nova*. Conta o poeta que um dia, quando se encontrava na rua com alguns amigos, viu passar, subitamente, a bela Beatriz, que em um gesto meigo lhe sorriu. Nesse momento voltou para sua casa onde, em êxtase, caiu no sono. O poema se inicia com a descrição aos amigos poetas – que chamou *li fedeli d’amore* — do sonho que tivera nesse momento, rogando-lhes que o auxiliassem a interpretá-lo. Assim escreveu:

*“Eram três horas e um fatal fulgor  
Havia em cada estrela resplendente,  
Quando surgiu Amor subitamente,*

---

<sup>19</sup> MARTINS, Cristiano, pp 35.

*Cuja essência lembrar me dá horror.*

*Alegre Amor me parecia, tendo  
Meu coração; e nos seus braços ia,  
Envolta, minha amada adormecendo.*

*Quando a acordou, do coração ardendo,  
Medrosa, humildemente ela comia;  
E ele chorava, desaparecendo.”<sup>20</sup>*

Nos anos que se seguiram à visão de Beatriz na rua, da qual lhe veio a inspiração para a *Vida Nova*, Dante se dedicou à redação do poema. Frequentava o círculo em torno de Bruneto Latino e participava da vida literária de Florença conhecendo importantes figuras, como Guido Cavalcanti, que veio a se tornar seu grande amigo. Por esse tempo já começava a destacar-se como poeta.

De acordo com Cristiano Martins, muito provavelmente em 1289, Dante alistou-se na força armada da República, aproximando-se, assim, da arte da guerra. A respeito de sua experiência no exército sabe-se apenas que integrou o esquadrão de cavalaria lutando na batalha de Campaldino, em junho do mesmo ano, de onde saíram vitoriosos os florentinos.

No ano seguinte, já havia deixado a vida militar quando recebeu a notícia da morte de sua amada e doce Beatriz que, naquele então, encontrava-se casada com Simone de Bardi, talvez desde 1287. Dedicou-se à finalização da *Vida Nova*, provavelmente em torno de 1292 ou 1293, chegando à resolução de que não falaria novamente de sua musa até que dela pudesse tratar de maneira digna, exaltando-a com palavras que jamais houvessem sido proferidas a respeito de qualquer outra dama. Ao final da *Vida Nova* renunciou:

*“... apareceu-me admirável visão, na qual vi coisas que me fizeram propor-me não mais falar dessa abençoada enquanto não pudesse mais dignamente ocupar-me dela. (...) De modo que, se aprover àquele por quem todas as coisas vivem que minha vida dure por alguns anos, espero dizer dela o que nunca se disse de nenhuma.”<sup>21</sup>*

<sup>20</sup> DANTE ALIGHIERI, *Vida Nova*, pp 154/155.

<sup>21</sup> DANTE ALIGHIERI, *Vida Nova*, pp 190.

Aqui, localizam os estudiosos a origem da inspiração do poeta para escrever a *Divina Comédia*.

Os estudos que Dante realizou em Paris, assim como o seu período de permanência na cidade, se é que de fato ocorreu, continuam envoltos numa nebulosa de dúvidas. Sabe-se que Dante permaneceu em Bolonha durante vários meses, provavelmente antes de partir para Paris. A universidade de Bolonha era, àquele tempo, o grande centro de estudos na península. Enrico Malato afirma que é possível identificar, com pequena margem de erro, que sua estadia em Paris ocorreu entre fins de 1286 e o início do ano seguinte. Sobre a ida de Dante às duas cidades Boccaccio escreveu:

“... tomou os primeiros estudos em sua própria pátria e, desta, foi para Bolonha, como lugar mais fértil em tal alimento, vizinho por sua vez, foi a Paris, aonde mostrou em inúmeras ocasiões a altura de seu engenho em disputas, com grande glória para ele, de tal forma que ainda os ouvintes mostram admiração quando o contam.”<sup>22</sup>”

Segundo Michele Barbi, não há necessidade de imaginar um Dante completamente absorto nos estudos e em seus projetos artísticos, nem ele tinha na alma a essência para perder-se em um mundo puramente intelectual, e de desinteressar-se das relações entre a ciência e a arte com a vida: “*Também a realidade do mundo urgia em suas veias*”<sup>23</sup>. De volta a Florença, onde já gozava de certo renome como poeta, entrou para a vida política.

Era requisito da lei florentina que os cargos públicos somente poderiam ser exercidos pelos cidadãos inscritos no registro profissional das artes e ofícios mantidos pelo Estado. Dante inscreveu-se na sexta entre as sete artes maiores, a dos médicos ou físicos.

É interessante a exigência de uma formação intelectual e artística sólida como pré-requisito para ocupar um cargo na administração da cidade. A relação entre a arte e a vida pública característica daqueles tempos nos parece estranha em um mundo tão fragmentado entre as esferas da vida como o que vivemos hoje. Durante o Renascimento

---

<sup>22</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Op Cit, pp 44.

<sup>23</sup> BARBI, Michele, Idem, pp 11.

os chanceleres florentinos eram reconhecidos em ciência política e estudiosos dos antigos, segundo vimos a partir do estudo de Eugenio Garin.

A esse tempo, em que decidira entrar para a política, Dante desposou a jovem Gema, filha de Maneto Donati, descendente de um ramo secundário de uma antiga e nobre família da cidade.

No ano de 1294, após a abdicação de Celestino V, foi eleito para o pontificado o cardeal Gaetani, que assumiu com o nome de Bonifácio VIII. Este Papa, por quem Dante nutriu profundo desprezo, se envolveu em um longo e desgastante conflito com o rei francês Felipe, o Belo.

Em 1296, Dante foi admitido no Conselho dos Cem, assembléia em que se tomavam as deliberações ordinárias da administração, e o mais importante órgão da comuna. No ano seguinte é escolhido membro de um dos conselhos citadinos, mas não se sabe ao certo qual.

Nesse tempo, o conflito entre guelfos e guibelinos não possuía já a mesma intensidade. Usavam-se ainda estes termos para designar facções ou partidos locais. Contudo, eles haviam perdido o conteúdo original.

Os nomes, que carregavam uma forte tradição, continuaram a ser empregados para marcar posições divergentes em disputas que pouco tinham a ver com a divergência original entre defensores do Papa e do Imperador. Em Florença, as facções locais em conflito foram denominadas de Branca e Negra. Não se sabe ao certo, mas os termos podem ter vindo de um conflito entre famílias rivais da cidade de Pistóia. Integravam a facção Negra parte considerável dos antigos guelfos sob a liderança de Corso Donati. Já o partido Branco era formado por homens da baixa nobreza ou da burguesia abastada, entre eles alguns guelfos mais moderados e, principalmente, remanescentes do partido guibelino afastados da cena política.

Dante, muito provavelmente, aliou-se à facção Branca. Fez referência aos negros na sétima vala do círculo oitavo, representados por Vanni Fucci, um Negro de Pistóia, com quem o poeta conversou durante sua passagem pelo Inferno. Os Brancos, por sua vez, são mencionados no canto XVI do Paraíso, na conversa que teve com seu trisavô Cacciaguida. Florença foi palco, em diversas ocasiões, de sangrentas lutas entre os dois partidos.

Na tentativa de conter as desordens que sacudiam a cidade decidiu-se enviar um emissário ao Papa Bonifácio VIII solicitando sua interferência para apaziguar os conflitos. Possivelmente foi Dante Alighieri o escolhido para tal missão. Ele teria ido a Roma no ano de 1300, exatamente à época do grande jubileu. Encontrava-se a cidade eterna, por esta ocasião, repleta de fiéis que iam em busca da indulgência plenária prometida pelo Papa.

No mesmo ano Dante foi eleito Prior, cargo que deveria exercer, de acordo com as leis da República florentina, pelo período de dois meses. Assumia o prestigioso cargo em um momento extremamente conturbado na cidade. O Papa havia enviado a Florença, com a intenção de aplacar os conflitos locais, o cardeal de Aquasparta. Segundo Malato, o cardeal que havia sido enviado em missão de paz tendia ao favorecimento dos Negros.

Os acontecimentos se precipitaram na cidade. Não se sabe ao certo o motivo, mas alguns dos principais líderes dos dois partidos foram enviados para fora de Florença. A versão, talvez, mais acertada seja a de Enrico Malato, na qual o incidente teria começado quando do ataque aos cônsules das Artes em procissão pela vigília de São João. Por esta ocasião, representantes das duas partes em conflito, entre eles o líder Negro Corso Donati e o líder Branco Guido Cavalcante, foram mandados para o exílio. Em virtude de tais acontecimentos, agravados por um possível atentado a sua vida, o cardeal de Aquasparta foi instruído pelo Papa a tomar medidas drásticas na cidade. Em setembro, o cardeal excomungou e confiscou os bens dos principais líderes da Comuna. Dante, que exerceu o cargo de prior entre 15 de junho e 15 de agosto, não sofreu a dura penalidade por encontrar-se já fora da função.

O poeta fazia parte novamente do conselho dos Cem, quando os novos priores decidiram dar indulgência aos exilados Brancos, entre eles Guido Cavalcanti, consolidando, assim, os Brancos no poder.

Solicitado pela facção Negra exilada, Bonifácio decidiu intervir pedindo ajuda do rei francês. Felipe, o Belo, enviou à Florença seu irmão, Carlos de Valois, que se encontrava nesse momento em Nápoles. Preocupados com os acontecimentos, os Brancos decidiram enviar nova diligência a Roma na tentativa de convencer o Papa a recuar. Dante novamente teria sido o escolhido para esta missão. Contudo, já era tarde

demais. Carlos de Valois entrou na cidade em novembro de 1300 levando os Negros ao poder.

É provável que o poeta estivesse em Roma e que não tenha voltado a Florença nunca mais. Encontrava-se em Siena quando foi informado da pena que lhe impunham os Negros, acusando-o de corrupção. Era condenado a pagar uma multa de cinco mil florins e a dois anos de exílio. Por não possuir tal quantia, ou, ao que tudo indica, sentiu-se indignado com semelhante ultraje, negou-se a cumprir a pena. Pouco depois foi expedido um mandado condenando-o à pena capital. O próprio Dante escreveu sobre seu infortúnio no primeiro tratado do *Convívio*:

*“Depois de que aprouve aos cidadãos da  
belíssima e famosíssima filha de Roma, Florença,  
expulsar-me do seu doce seio — no qual nado e fui  
criado até ao auge da minha vida, e no qual, em sua  
boa paz, desejo de todo o coração repousar a alma  
cansada e terminar o tempo que me é dado — por  
quase todas as partes às quais esta língua se estende,  
peregrino, quase mendigando, andei...”* (Convívio, pp.  
36)

Apesar das esperanças o poeta jamais conseguiu voltar a sua cidade natal.

Em reprovação aos cidadãos de Florença pelo penoso desterro imposto a Dante, e porque disso nunca se arrependeram enquanto ele ainda era vivo, Boccaccio escreveu indignado: *“Oh!, ingrata pátria! Que demência, que soberba te sustenta quando tu a teu queridíssimo cidadão, a teu bem feitor precípua, a teu poeta sem igual, com crueldade desusada o colocaste em fuga e depois continua te sustentando?”*<sup>24</sup>

O poeta chegou a engajar-se nos preparativos para um ataque organizado por Brancos exilados com o intuito de depor os Negros no poder. Parece, contudo, que não alcançou sequer a marchar com o exército que seria brutalmente derrotado antes de entrar na cidade.

Por essa época Bonifácio VIII havia-se desentendido com o rei francês Felipe, o Belo. A divergência se iniciou com o caso da taxaço do clero no reino franco. O Papa se posicionou contrário a tal medida, inaugurando uma fase de profunda hostilidade entre o rei francês e a cúria romana. A disputa não terminou nem mesmo após a morte

---

<sup>24</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Op Cit, pp 68. (tradução livre a partir do espanhol)

de Bonifácio, da qual aliás o rei francês foi acusado. Felipe, o belo procurou se livrar da acusação forçando Clemente V a abrir um processo de excomunhão do Papa anterior. Desta forma, pretendia, além de se livrar da acusação, mostrar-se como o libertador do mundo das garras do ímpio Pontífice.

No exílio Dante não guardou pouso durante longo período em uma mesma cidade. Mudou-se, inicialmente, para Verona a convite de Bartolomeu della Sacala. Enviado em uma diligência para Mullazzo, se demorou na cidade onde se instalou nas dependências do castelo de Val di Magna, na torre que ficaria posteriormente conhecida como a “torre de Dante”. Acredita-se que ali iniciou sua grande obra dedicando-se a escrever os primeiros versos do Inferno.

Entre 1307 e 1308 esteve em Lucca para onde, possivelmente, se transferiram sua mulher e filhos. Entre 1309 e 1310 pode ter ocorrido a legendária viagem a Paris. A esta possível viagem fazem referência Giovanni Villani, seu primeiro cronista<sup>25</sup>, e Boccaccio, o segundo nesta tarefa, o qual escreveu:

*“(...) depois de que viu que se fechava o caminho de regresso por todos os lados e que dia após dia era mais vã sua esperança, não só abandonou a Toscana, mas sim toda a Itália, e passados os montes que a separam da província da Gália, como pôde marchou para Paris, e lá se entregou completamente ao estudo de filosofia e de teologia...”<sup>26</sup>*

Não fala nada, contudo, Leonardo Bruni, também cronista do poeta. Segundo Cristiano Martins, voltando desta viagem a Paris, Dante teria sido informado da passagem do recém-eleito imperador germânico Henrique VII por Lousanne e decidido desviar seu caminho para conhecê-lo. Com o tempo se tornaria um profundo admirador e defensor do Império. Este pequeno desvio em seu regresso à península permanece, contudo, na incerteza. Boccaccio, não fez nenhuma referência a este acontecimento. Para Enrico Malato, o encontro com o Imperador certamente ocorreu, mas não se sabe onde

<sup>25</sup> Ver: MALATO, Enrico, Op Cit.

<sup>26</sup> BOCCACCIO, Giovanni, Op Cit, pp 61. Tradução livre do espanhol: “... después de que vio que se le cerraba el camino de regreso por todas partes y que día a día era más vana su esperanza, no sólo abandonó Toscana, sino toda Italia, y pasados los montes que la separan de la provincia de Gália, como pudo, se marchó a Paris, y allí se entregó por completo al estudio de la filosofía y de la teología...”

nem quando. Em uma carta<sup>27</sup> de 17 de abril de 1311 Dante recordaria o famoso e ilustre encontro que teve com Henrique VII:

*“(...)te vi e te ouvi benigníssimo e clementíssimo como corresponde a majestade imperial, quando minhas mãos tocaram teus pés e meus lábios cumpriram sua obrigação. Então exultou em mim teu espírito, e em silêncio me disse; ‘Eis aqui o cordeiro de Deus, eis aqui o que tira o pecado do mundo’”*<sup>28</sup>

Na carta *“ao santíssimo, gloriosíssimo e felicíssimo triunfador e único senhor Henrique, pela divina providência rei dos Romanos e para sempre Augusto...”* Dante insiste para que ele não desista de invadir Florença afirmando que *“... a dilação reforça a confiança Toscana do tirano, e cotidianamente acumula novas forças exaltando sua soberba e agregando uma audácia à outra.”*<sup>29</sup>

A coroação de Henrique VII, eleito com o apoio do Papa Clemente V, foi marcada para fevereiro de 1312 em Roma. Porém, o Imperador decidiu antecipar em mais de um ano sua viagem à Itália. Possuía claras pretensões de restaurar a autoridade imperial perdida após longo período de ausência na península. Henrique VII chegou à Itália no final de 1310 e fez sua entrada a Milão em dezembro do mesmo ano.

Florença organizou-se para impedir a conquista da Toscana, oferecendo forte resistência ao Imperador. Irritado com os cidadãos florentinos, Dante escreve uma carta em março de 1311 anunciando, em tom apocalíptico, o castigo divino:

*“Vocês(...) que transgredis os direitos divinos e humanos, a quem a infame voracidade da paixão seduz e prepara para toda iniquidade, não os assusta o terror da segunda morte, pois primeiros e únicos em repudiar o jugo da liberdade, murmurastes contra a glória do Príncipe romano, rei do mundo e ministro de Deus, e, abusando do direito de prescrição e negado a*

<sup>27</sup> DANTE ALIGHIERI, Epistola VII.

<sup>28</sup> DANTE ALIGHIERI, Epistola VII- A Enrique Rey de los Romanos (1311). Consultado do site: [www.Servisur.com](http://www.Servisur.com). Texto em espanhol: “... te vi y te oí benignísimo y clementísimo como corresponde a la majestad imperial, cuando mis manos tocaron tus pies y mis labios cumplieron su obligación. Entonces exulté en ti mi espíritu, y en silencio me dije: “He aquí al cordero de Dios, he aquí el que quita los pecados del mundo.”

<sup>29</sup> DANTE ALIGHIERI, Epistola VII. Idem. Tradução livre do espanhol: “Al santísimo gloriosísimo y felicísimo triunfador y único señor Enrique, que por la divina providencia Rey de los Romanos y por siempre Augusto...”

*tributar a devida sujeição, preferistes levantar-vos em louca rebelião?”<sup>30</sup>*

Em setembro do mesmo ano foi dada a anistia aos exilados de Florença, Dante, contudo, foi excluído da lista. Tal fato pode ser explicado, segundo Malato, em virtude das cartas que enviou “*aos perversísimos florentinos*” e que teriam tido grande circulação na cidade.

Henrique VII, doente, provavelmente com malária e bastante enfraquecido, teve que se retirar para Pisa, dando oportunidade aos inimigos de se organizarem. Em agosto de 1313 o Imperador deliberou lançar suas forças contra Roberto d’Anjou, que havia sido declarado rebelde e condenado à morte. Acontece que Henrique estava já muito enfraquecido e não consegue ir muito longe, um novo ataque de malária o conduz à morte em Buoncovento em agosto de 1313.

Entre 1312 e 1313 Dante, possivelmente, permaneceu em Verona, hóspede de Cangrande della Scalla. Não se sabe a data precisa, talvez entre 1318 e 1319, ou, ainda, já na década de 20 transferiu-se de Verona para Ravena junto a Guido Novello da Polenta por motivos até então desconhecidos. Retornando de uma embaixada a Veneza feita a pedido de Guido da Polenta, o poeta, já doente, faleceu em setembro de 1321. Com estas belas palavras descreve Boccaccio sua partida para o outro mundo:

*“... chegada sua hora, que cada um tem asignada, estando no meio ou perto do quinquagésimo sexto ano, adoeceu, e segundo a religião cristã recebeu todo eclesiástico sacramento humilde e devotamente e se reconciliou com Deus arrependido de tudo o que tivera feito contra Ele como homem; e no mês de setembro do ano de Cristo de 1321, no dia que se festeja na Igreja a Exaltação da Santa Cruz, não sem grandíssima dor (...) a seu Criador rendeu o fatigado espírito; que não duvido que foi recebido nos braços de sua nobilíssima Beatriz com que agora vive*

<sup>30</sup> DANTE ALIGHIERI, Epistola VI.- A los perversísimos Florentinos ( 1311). Consultado do site: www. Servisur. com. Tradução livre do espanhol: “Vosotros em cambio, que transgredis los derechos divinos y humanos, a quienes la infame voracidad de la pasión seduce y prepara para toda iniquidad, no os acucia el terror de la segunda muerte, pues primeros y solos en repugnar el yugo de la libertad, murmurasteis contra la gloria del Príncipe romano, rey del mundo y ministro de Dios, y, abusándoos del derecho de prescripción y negándoos a tributar la debida sujeción, preferisteis alzaros en loca rebelión?”

*felissíssimamente e não lhe espera nunca fim a sua felicidade... ”<sup>31</sup>*

Os versos a seguir foram escritos por Giovanni del Virgílio para serem esculpido na lápide de Dante Alighieri, seu grande amigo, a quem quis louvar após a morte depois de ver frustradas as duas tentativas que fez de coroar com louros o poeta enquanto ainda era vivo.

*“Dante, teólogo ao qual não faltou nenhuma doutrina,  
Que a filosofia nutra-o em seu ilustre seio:  
Glória das Musas, autor grato ao povo,  
Jaz aqui, cuja fama toca ambos pólos:  
Distribuiu seus lugares aos mortos,  
O reino aos dois poderes, em modo laico e retórico.  
A ele a ingrata Florença lhe deu o triste fruto:  
O exílio, pátria cruel ao seu poeta.  
A piedosa Ravena, no círculo de Guido Novello,  
Seu honrado governante, goza de o ter acolhido.  
No ano do Numem de mil trezentos e vinte e um  
Voltou a sua estrela nos idos de setembro.”<sup>32</sup>*

### 1.1) O tratado sobre a Monarquia

Se, como vimos, a vida de Dante foi marcada por uma intensa atividade política, sua trajetória intelectual não foi diferente, e também se caracteriza por uma acentuada atividade no campo político. Na realidade, sua produção intelectual não pode ser vista

<sup>31</sup> BOCCACCIO, Giovanni, Op Cit, pp 65/66. Tradução livre do espanhol: “... llegada su hora, que cada cual tiene asignada, estando em médio o cerca de su quincuagésimo sexto año, enfermó, y según la cristiana religión recibió todo eclesiástico sacramento humilde y devotamente, y se reconcilió con Dios arrepintiéndose de todo lo que hubiera cometido contra Él como hombre; y el mes de septimbre del año de Cristo de 1321, el día que se celebra en la Iglesia la Exaltación de la Santa Cruz no sin grandísimo dolor del ya citado Guido y en general de todos los demás ciudadanos de Ravenn, a su Creador rindió el fatigado espíritu; que no dudo que fuera recibido en los brazos de su nobilísima Beatrice con la que ahora vive felicisssimamente y no le espera nunca fin a su felicidad...”

<sup>32</sup> VIRGÍLIO, Giovanni del. In: BOCCACCIO, Giovanni. *Vida de Dante*. Madri, Alianza Editorial, 1993, pp 67/68. Tradução do espanhol: “Dante, teólogo al que no falto ninguna doctrina,/ Que la Filosofía lo nutra en su ilustre seno:/ Gloria de las Musas, autor gratisimo al pueblo,/ Yace aquí, cuya fama toca ambos polos:/ Distribuyó sus lugares a os muertos,/ El reino a los dos poderes, en modo laico y retórico./ A él la ingrata Florencia le dio el triste fruto:/ El exilio, patria cruel hacia su poeta./ La piadosa Ravena, en el círculo de Guido Novello,/ su honorado gobernante, goza de haberlo acogido./ En el año del Numen de mil trescientos veituno/ Volvió a sua estrella en los idus de septiembre.”

como algo separado de sua vida pública, os dois aspectos se mesclam e se complementam na obra desse grande poeta.

É interessante observarmos que em diversas passagens do *trattatello*, Boccaccio demonstra preocupação com a falta de paz e tranqüilidade que Dante teve de enfrentar para se concentrar nos estudos.

*“Não puderam os amorosos desejos, nem as dolentes lágrimas, nem a solitudine da casa, nem a lisonjeira glória dos ofícios públicos, nem o miserável exílio, nem a intolerável pobreza, com suas forças, afastar em nenhum momento o nosso Dante de sua principal preocupação, isto é, do sagrado estudo.”<sup>33</sup>*

Na realidade, os “desejos” e as “lágrimas” que marcaram a agitada vida do poeta não parecem ter atrapalhado seu trabalho intelectual, mas, ao contrário, foram essenciais para a vitalidade de sua produção.

A *Monarquia* foi parte da atividade pública de Dante, constituindo a própria atuação política do autor.

\*\*\*

Não se sabe ao certo a data precisa em que o tratado foi escrito. Os estudiosos divergem entre um período um tanto longo que vai desde 1304-1307 até o final da vida do autor.

De acordo com Enrico Malato, a data mais recuada no tempo foi defendida por Bruno Nardi, segundo o qual Dante teria interrompido a elaboração do *Convívio* e do *De vulgari eloquentia* para se dedicar a *Monarquia*. Ele teria escrito o tratado entre fins de 1304 e princípio de 1307 e mesmo que Nardi admita a possibilidade de que a obra seja pouco posterior a essa data, nunca mais de poucos meses, pois, certamente, foi escrita antes da eleição de Henrique VII, afirmava o historiador.

Em outro extremo, a datação mais avançada relaciona o tratado aos acontecimentos ocorridos após subir ao pontificado João XXII, que afirmou energicamente o primado da Igreja sobre o Império e a necessidade da “confirmatio” papal para que a eleição imperial fosse válida. Esta hipótese foi apresentada, dentre outros, por Anthony

---

<sup>33</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Idem, pp 64 (tradução livre para o português).

K.Cassell, que escreveu o verbete sobre a *Monarquia* na *Dante Encyclopedia*<sup>34</sup> com base, fundamentalmente, nos argumentos de Pier Giorgio Ricci. Segundo Anthony Cassell, saberíamos que Dante escreveu o tratado durante os sete últimos anos de sua vida a partir de uma citação no livro primeiro, encontrada em todas as versões manuscritas, que faz referência ao canto quinto do Paraíso quando o poeta menciona a discussão sobre o livre-arbítrio<sup>35</sup>. Para Cassell, tal informação não deve ser tratada como uma mera intervenção de algum escriba, mas aceita como a única evidência concreta para uma data da *Monarquia* posterior a 1314. Neste período mais avançado de sua vida Dante teria abandonado o patriotismo apaixonado dos primeiros tempos, recusando-se a discutir alguma “*causa célebre contemporânea*”, afirma Cassell. Na *Monarquia* ele se recusaria a “*reconhecer o inevitável declínio do Império*” e, em virtude disso, teria escrito um texto “*tentando criar a impressão de uma mensagem fora do tempo*”<sup>36</sup>. Portanto, de acordo com Cassell, a dificuldade que críticos e historiadores vêm tendo em datar a obra seria resultado da própria estratégia do autor.

A questão da datação é relevante na medida em que determina o quadro interpretativo da obra do poeta como um todo. Segundo Enrico Malato, a proposta de Bruno Nardi se compreende dentro do esquema de interpretação do pensamento de Dante no qual na *Monarquia* o autor faria uma “novíssima e audaz” separação entre razão e fé, entre o espiritual e o temporal, de origem averroísta, superada mais tarde — “*com o retorno ao conceito medieval da subordinação entre razão e fé*”<sup>37</sup> — na *Comédia*, que poderia, então, haver sido escrita depois do tratado. Acredito, contudo, que esta questão da influência de Averróis sobre Dante já foi esclarecida pelo estudo feito por Etienne Gilson<sup>38</sup> a partir do qual não é mais possível chamar de averroísta o pensamento contido na *Monarquia*. Considero que Dante não procedeu a uma separação entre razão e fé ou entre espiritual e temporal superada posteriormente na *Comédia*, mas sim a uma distinção entre as duas dimensões harmonicamente hierarquizadas que esteve

<sup>34</sup> LANSING, Richard (edited). *The Dante encyclopedia*, New York & London, Garland Publishing, Inc, 2000.

<sup>35</sup> Ver: DANTE ALIGHIERI, *Monarquia* Op cit (1,12): “Posto isto, podemos estabelecer de novo que essa liberdade, ou o princípio dela, é o dom maior que Deus concedeu à natureza humana, tal como eu o disse noutra parte...”

<sup>36</sup> CASELL, Anthony K. *Monarchia*, In: LANSING, Richard (edited). *The Dante encyclopedia*, New York & London, Garland Publishing, Inc, 2000.

<sup>37</sup> MALATO, Enrico, Op Cit, pp 181.

presente ao longo de toda sua obra. Os argumentos utilizados por Nardi para justificar a periodização da obra são questionáveis e, portanto, a data defendida por ele também seria.

Por outro lado, a hipótese de que o tratado teria sido escrito no final da vida do poeta, com base na menção feita por ele ao Paraíso, também poderia ser questionada. De acordo com Malato, em virtude do caráter eminentemente acidental da referência dentro do discurso, não se pode excluir que seja uma anotação tardia do próprio autor, talvez colocada à margem do texto e posteriormente incorporada pelo copista. Ainda, considero improvável a possibilidade de que Dante tenha se afastado do entusiasmo que o levou a escrever sobre os acontecimentos políticos a sua volta, buscando refúgio em um modelo imperial “*em declínio*”, e que, portanto, o discurso na *Monarquia* seria, como escreveu Cassell, “*uma mensagem fora de seu tempo*”. Dante não me parece haver sido um homem desligado dos acontecimentos de seu mundo.

A datação mais provável, posto que se baseia nas informações fornecidas por Giovanni Boccaccio,— que chegou a conhecer não só os amigos do poeta, mas também os seus familiares— é a que situa a elaboração do tratado no período da entrada do Imperador Henrique VII na península. Segundo Boccaccio— além de estudiosos como Quentin Skinner<sup>39</sup> e Enrico Malato, entre outros— a obra teria sido escrita entre fins de 1309 e agosto de 1313, quando Henrique VII morre e junto com ele as esperanças de Dante de ver reinar no mundo a Monarquia universal. Sobre o tratado, Boccaccio escreveu: “... *fez um livro em latina prosa na chegada de Henrique VII imperador, cujo título é Monarchia...*”<sup>40</sup>

Poucos meses depois do Imperador, morre o papa Clemente V, iniciando um período em que as duas sedes ficaram vacantes e, em virtude disso, o conflito entre as partes se enfraqueceu. Talvez por conta disso a obra, escrita sob o impulso do momento agitado, tenha sido deixada de lado até sua proibição que, segundo Boccaccio, a tornaria “famosa”.

<sup>38</sup> GILSON, Étienne. *Dante et la philosophie*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.

<sup>39</sup> SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp38: “É quase certo que essa obra tenha sido redigida entre 1309 e 1313, no momento em que as esperanças dos imperialistas alcançavam o zênite.”

<sup>40</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Op Cit, pp 110 (tradução livre).

A *Monarquia* foi proibida de acordo com o autor do *trattatello* “vários anos após a morte do autor”<sup>41</sup>, isto é, por volta de 1328 ou 1329, pelo cardeal Bertrando Pouget. O motivo, explica o biógrafo, teria sido que Luis, duque da Baviera, eleito rei dos romanos na Alemanha, quando chegou a Roma para sua coroação, nomeou Papa, contra a vontade de João XXII e das ordens clericais, a um frei chamado Pedro della Corvara e a vários cardeais e bispos. Durante a disputa pela legitimidade da autoridade imperial, surgida após este episódio, Luis da Baviera e seus seguidores, encontrando o livro de Dante, começaram a utilizar muitos dos argumentos ali contidos para defender sua posição frente ao Papa. Mais tarde, tendo voltado o Imperador ao seu território, o cardeal Bertrando julgou que o livro continha “coisas heréticas”, e assim o condenou à fogueira.<sup>42</sup>

Segundo Malato, após a condenação a obra continuou circulando no circuito da publicidade política em prol e contra a Igreja e o Império de modo, na maioria das vezes, clandestino. A obra foi citada por juristas como Bartolo de Sassoferrato ou Alberico de Rosciate e, na metade do século XIV, foi objeto de um comentário atribuído a Cola di Rienzo, que em alguns manuscritos vem acompanhado do texto de Dante. A *Monarquia* foi lida e duramente criticada pelo dominicano Guido Vernani em uma obra intitulada *De Reprobatione Monarchiae*, cujo conteúdo estudaremos no último capítulo. O tratado somente foi retirado do índice dos livros proibidos no pontificado de Leão XIII, em 1881. Certamente, observa Malato, a censura deve ter operado com maior rigor nos anos imediatamente seguintes à condenação, como o comprovam algumas cópias sem epígrafe ou disfarçadas, tais quais as do códice de Bine de Berlim (que também contém o *De vulgari eloquentia*), em que o tratado é ocultado sob o título *Rectorica Dantis*, enquanto outra cópia, provavelmente de fins do século XIV, aparece com o título *Liber Monarchia Dantis Aldigerri Christiani de Florentia*. A confirmação de uma sorte melhor ao longo do século XV vem de duas traduções feitas nesse período: a primeira, de um anônimo, possivelmente anterior a 1456 — data do mais antigo dos três códices

---

<sup>41</sup> BOCCACCIO, Giovanni. Idem, pp 111 (tradução livre).

<sup>42</sup> Segundo Boccaccio até os ossos de Dante teriam sido queimados se o nobre cavaleiro florentino não o tivesse impedido enquanto esteve em Bolonha onde se tratou da proibição da *Monarquia*.

que contém a obra — e a outra feita por Marsílio Ficino, de 1467<sup>43</sup>. Ainda segundo Malato, a primeira edição da *Monarquia* data de 1559, em território protestante, a Basiléia, a cura do humanista Basilius Johannes Herold, que no mesmo ano publicou uma tradução da obra para o alemão, edição princeps, importante por ser referência para todas as edições sucessivas e também por ser baseada em uma versão manuscrita hoje perdida.

O tratado encontra-se dividido em três partes. Na primeira, Dante define a Monarquia temporal e discute se é ela indispensável à boa ordenação do mundo. Na segunda, atribui ao povo romano a legitimidade na direção desta Monarquia. Por último, discute se a autoridade do monarca provém diretamente de Deus, ou se emana deste, mas é exercida por intermédio do sucessor de Pedro na terra.

## 1.2) O papel do intelectual

Com o objetivo de explicar aquilo que ressaltamos anteriormente sobre a ligação entre a atividade política de Dante e a atividade especulativa — a que se lançou com o mesmo entusiasmo que demonstrou ao participar da vida pública florentina — devemos observar a primeira parte da obra na qual o autor expõe a necessidade de seu estudo, refletindo acerca do papel do intelectual e, especificamente, de seu papel como um homem do conhecimento.

Ao iniciar o tratado, Dante declara que os homens deveriam *trabalhar*\* para que recebam os “pósteros” alguma riqueza, pois se afastaria do dever quem, experto em *doutrinas políticas*\*\* , não se colocasse a serviço da *República*\*\*\*. É esclarecedor entendermos que para ele o intelectual deveria cumprir um papel na sociedade: colocar seu conhecimento a serviço do bem público.

Em um estudo dedicado à filosofia chamado *Convívio*, Dante demonstra a mesma preocupação que encontramos na *Monarquia*. Ali escreveu:

---

<sup>43</sup> Segundo Malato a cópia feita por Marsílio Ficino foi transmitida em oito testemunhos. MALATO, Enrico, Op Cit, pp 185.

\* Esta palavra é empregada no sentido utilizado pelo autor como trabalho intelectual.

\*\* No original em latim encontramos *publicis documentis*, que poderíamos entender como doutrinas de interesse público.

\*\*\* Em latim; *rem pública*, na tradução italiana; comunidade.

*"... o homem deve por engenho e solícitude tornar os seus benefícios úteis quanto possível para o recebedor; de onde eu, querendo ser obediente a tal imperativo, pretendo fazer que este meu Convívio, em cada uma das suas partes, seja útil, o mais que me for possível." (Convívio, pp 202/203)*

O conhecimento a que ele se refere, porém, somente teria alguma utilidade se não se limitasse a reproduzir um saber já conhecido, e, sim, ao contrário, buscasse criar algo novo. Que *"fruto produziria"*, indaga Dante, aquele que se pusesse a repetir aquilo que já foi anteriormente estabelecido com sabedoria? Aquele que pretendesse *"redizer"* o que é a felicidade, perfeitamente estabelecida pelo Filósofo? Aquele que novamente fizesse uma defesa da velhice, de que Cícero se incumbiu de uma vez por todas? Ele mesmo responde: *"O fruto seria nenhum; tão fastidiosa repetição apenas geraria o desagrado"*. (Monarquia, pp 193)

Portanto, de acordo com Dante, o intelectual deveria se valer de seu conhecimento para escrever sobre um tema que fosse proveitoso para a sociedade, e por isso, evitando a repetição do que já havia sido dito, devia-se estudar um tema inédito. Meditando sobre tais idéias, e temeroso de algum dia ser considerado um homem faltoso com o dever público, o poeta decide colocar seu talento a serviço do bem comum. Neste sentido, resolveu escrever sobre o que considerou serem as *"verdades ignoradas e salutares"*, dentre as quais estaria a ciência da Monarquia temporal *"rejeitada por todos porque não dá lucro imediato"*. O autor pretende, então, estudar o assunto para *"elucidar proveitosamente o mundo"*, além de *"conquistar a glória de ser o primeiro em tal empresa"* (Monarquia, pp 193).

Dante define, assim, seu papel de "intelectual" como alguém que deve produzir um conhecimento útil a partir de novos objetos teóricos. Não bastava repetir o que disseram os antigos, ele escreveria sobre a Monarquia temporal, tema inédito e por isso proveitoso para a sociedade.

Sabemos que o poeta foi um profundo conhecedor da filosofia e literatura grega e romana. Apesar disso, jamais se conformou em reproduzir o pensamento dos clássicos, utilizou-se dele como inspiração para suas idéias.

Michele Gally, em um artigo sobre a *Monarquia*, publicado na revista *Le Moyen Age - Revue d'histoire et de philosophie*<sup>44</sup>, chamou a atenção para a forma como o autor utiliza suas fontes. Gally afirma que Dante aplica à história pagã uma leitura simbólico-cristã do mundo. Ele vai buscar no passado romano uma legitimidade sagrada para sua Monarquia universal associando a epopéia romana à expansão territorial do povo eleito. Para Gally, Dante combina os testemunhos sagrados e profanos, históricos e poéticos de onde retira os argumentos necessários para construir sua tese: "... *il mêle tout, gomme les différences de genre et de statut des textes.*"<sup>45</sup>

Entendemos que o poeta associou às fontes antigas a herança do pensamento cristão e utilizou este conhecimento para elaborar sua própria doutrina.

Ainda, poderíamos sugerir que, para Dante, a *Monarquia* como objeto teórico seria útil aos homens, não apenas por se tratar de tema inédito, mas também porque ao tratar o tema ele forneceu um modelo de governo considerado a fonte de solução para os conflitos não só da península, como de todo o gênero humano.

Devemos notar que a *Monarquia* constitui um esforço para pensar a sociedade, pretendendo intervir nela. Uma intervenção guiada por um programa minuciosamente elaborado a partir de uma delicada reflexão, fundamentada não só no conhecimento da tradição cristã e do pensamento de autores antigos como Virgílio e, principalmente Aristóteles, mas também por sua observação e experiência no mundo.

Neste sentido compreendemos a afirmação de Burckhardt:

*"Mais do que qualquer outro poeta moderno, Dante observa a realidade — a natureza e a vida humana — e usa as observações não como meros ornamentos, mas com o objetivo de proporcionar ao leitor uma idéia mais completa e adequada do que quer dizer."*<sup>46</sup>

Seria importante perceber que Dante tem consciência de que o homem possui a capacidade de especular sobre as coisas para orientar sua ação no mundo. Ou seja, a atividade humana deveria ser guiada por um conjunto de normas anteriormente

<sup>44</sup> GALLY, Michèle. *Les enjeux de l'histoire: Dante, penseur de la monarchie universelle. Le Moyen-Age. Revue d'Histoire et de Philosophie*, n° 2, 1994 ( tome C, 5° série, tome 8).

<sup>45</sup> GALLY, Michèle. *Idem*, pp175.

<sup>46</sup> BURCKHARDT, Jacob. *Op cit*, pp 174.

estabelecidas, alcançadas através da especulação. Neste sentido, ele escreveu: “*determinadas coisas há que por estarem sujeitas à nossa vontade se constituem para nós em objeto de especulação e não de ação*” (*Monarquia*, pp 193). Este seria o caso, segundo o autor, das entidades matemáticas, físicas ou divinas. Contudo, ele afirma que existem outros tipos de coisas que, “*submissas ao nosso poder, constituem para nós objeto de especulação e de ação*” (Mon. 194). Ou seja, é para a ação que algumas ciências se cultivam, a ação é nelas um fim. Como ele mesmo indicou, este seria o caso da ciência que dita a política:

*“[Se] costuma dizer que o intelecto especulativo se transforma em intelecto prático cujo fim é agir e fazer. Digo agir, por causa das ações que coordena a prudência política (...).”* (*Monarquia* pp, 195)<sup>47</sup>

A investigação da verdade política é entendida por ele como uma ciência que tem por objetivo pensar a atuação do gênero humano para, então, poder ordená-la. A investigação na *Monarquia* é de caráter político, como afirma o próprio autor:

*“Como é política a matéria de que tratamos, ou melhor, porque é ela a fonte e o princípio das verdades políticas, e porque, de outro lado, toda a atividade política está subordinada à nossa vontade, é evidente que essa matéria não se ordena de natureza à especulação, mas à ação.”* (*Monarquia* pp, 194)<sup>48</sup>

Entendemos, assim, que o tratado constitui o esforço do autor de pensar sobre a sociedade e, a partir disso, criar um modelo de ação dos homens.

Assim, a *Monarquia* fez parte da própria ação política do autor. Uma ação que não se limitava à cidade de Florença, mas que ambicionava abranger a universalidade do gênero humano.

<sup>47</sup> No original latino: “unde solet dici quod intellectus speculativus extensione fit practicus, cuius finis est agere atque facere. Quod dico propter agibilia, que politica prudentia...” ALIGHIERI, Dante. *Monarchia*. (a cura de Maurizio Pizzica), Milão, Biblioteca Universale Rizzoli, 1988, pp170.

<sup>48</sup> Texto em latim: “Cum ergo matéria presens política sit, ymo fons atque principium rectorum politiarum, et amne politicum nostre potestari subiaceat, manifestum est quod matéria presens non ad speculationem per prius, sed ad operationem ordinatur” ALIGHIERI, Dante, Idem, pp 166.

Dante pretendeu que seu tratado ultrapassasse os Alpes e circulasse pelo meio culto europeu. O texto devia ser lido não apenas pelos defensores da causa imperial ou da autoridade papal, mas pelo maior número possível de homens, já que o modelo da Monarquia Universal deveria contar com a participação de todo o gênero humano para que se tornasse viável. É provável que por isso Dante tenha optado em escrevê-lo na língua universal: o latim. Vejamos a explicação dos motivos que o levaram a escrever em língua vulgar as canções que compõem o *Convívio*:

“... o latim tê-las-ia exposto a gente doutra língua, como Tudescos, Ingleses e outros, mas aqui teria ultrapassado a sua ordem; que contra o seu querer, seria expor o seu espírito ali onde elas não poderiam com a sua beleza levá-lo.” (*Convívio*, pp 44)

Se o vulgar seria a língua entendida por todo o reino itálico e não “apenas pelos literatos”, o latim, contudo, era compreendido em “todas as partes” por “gente doutra língua”. Assim, diferentemente do *Convívio* e da *Divina Comédia*, escritos em língua vulgar, a *Monarquia* foi escrita em latim para que todos a compreendessem perfeitamente. Veremos no próximo capítulo “para quem” e “contra quem” Dante redigiu o tratado.